

PSDB com Podemos fortalece o centro

Perfil



RODRIGO CHAGAS/DIVULGAÇÃO/JC

Paula Mascarenhas tem 55 anos e é natural de Pelotas. Foi prefeita do município por dois mandatos (2017-2024), tornando-se a primeira mulher a comandar a cidade. Também atuou como vice-prefeita de Pelotas, durante a gestão de Eduardo Leite (2013-2016). Possui formação acadêmica em Letras, com mestrado e doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande

do Sul. É professora de Língua e Literatura Francesa da Universidade Federal de Pelotas. Atualmente, atua como presidente estadual do PSDB no Rio Grande do Sul, vice-presidente da executiva nacional do partido e secretária de Relações Institucionais do governo do gaúcho, cargo que assumiu em 2025, logo após deixar a gestão da prefeitura de Pelotas.

e que perderam algum espaço por isso, mas a gente acha que é importantíssimo esse espaço que a gente ocupa, que ele seja fortalecido, então é importante que os partidos reconheçam o que os une e possam se aproximar através de fusões, enfim, qualquer alternativa jurídica, mas se aproximar para oferecer alternativas. Então, a gente vê com bons olhos, e dia 5 de junho vai haver uma Convenção Nacional para ratificar já este movimento.

JC - Tem se falado de uma busca por sobrevivência do PSDB a partir da fusão. Isso se deve à relevância política do partido ou à possibilidade que haveria de perder recursos do fundo partidário e tempo de rádio e TV?

Paula - Na verdade, uma coisa está ligada à outra. A gente defende a sobrevivência no sentido de ser um partido relevante, ser um partido que atraia afiliados, um partido que tem um espaço para se apresentar, e nesse sentido é que são importantes tanto os espaços de propaganda gratuita, quanto o fundo partidário. A possibilidade de poder se apresentar

para a sociedade. Se apresentar no sentido de atrair pessoas para um tipo de política, sobretudo para uma agenda para o Brasil. O que o Brasil precisa, que rumos nós queremos para o nosso país? A gente quer ter espaço para defender essas ideias, que há muito tempo são defendidas pelo PSDB. Então, é também a luta por um espaço político sereno, respeitoso, plural, que valoriza a diversidade que existe no Brasil, que é um país riquíssimo e diverso, que respeita o pensamento divergente, que entende que a democracia é isso: o respeito a quem pensa diferente.

JC - Qual a sua avaliação dos motivos que levaram o PSDB a estar hoje nesta situação, tendo em vista que o partido já presidiu o Brasil em dois mandatos?

Paula - São vários fatores. Não há dúvida que a radicalização da polarização entre o PT, e partidos que gravitam em torno do PT, e o PL, e o bolsonarismo mais do que qualquer coisa, reduziu os espaços de partidos que não são radicalizados, partidos que defendem justamente o equilíbrio. Isso parece que foi saindo de

moda, quando, na verdade, a gente sente que as pessoas estão cansando dessa polarização. Famílias que tiveram rupturas, pessoas que se amavam se afastaram por conta de uma radicalização. A gente pode fazer política com firmeza, com convicções, sem precisar romper relações com quem pensa diferente. Mas quem defende isso ficou sem espaço, então acho que o PSDB foi muito vítima da polarização. O PSDB que polarizou com o PT durante um longo tempo da história recente brasileira, mas que polarizou muito mais em termos de conceitos, visões da política, agendas, posições diferentes a temas como, por exemplo, privatização, como avalia o mercado, a questão da responsabilidade fiscal também nos diferenciou muito, e o PSDB sempre defendendo a importância de cuidar das contas para poder cuidar das pessoas. Claro que talvez de alguns erros também, o PSDB em um certo momento se agigantou muito, acabou recebendo filiados de um espectro ideológico muito amplo, gente que ia da esquerda à direita no próprio partido e acho que isso

prejudicou. Prejudicou porque o partido deixou de ter um perfil, acabou se identificando muito mais com um perfil “anti” alguma coisa, que é justamente o que a gente não quer, a gente não quer o “anti”, a gente quer o “pró”, a favor do Brasil.

JC - Apesar desta perda de protagonismo do PSDB em nível nacional, o partido ainda tem relevância no Estado, com prefeituras de grandes cidades e representatividade na Assembleia. Vincula essa resistência do partido no RS à figura do governador?

Paula - É uma soma de fatores, é o trabalho das lideranças todas. O governador, obviamente, fortaleceu o partido, não tenho a menor dúvida. Uma liderança com a capacidade dele, que foi galgando espaços, chegou ao governo do Estado, obviamente que isso é um polo atrator, mas eu não diria que é apenas isso. Não quero desvalorizar as demais lideranças, e acho que os deputados foram importantíssimos, construíram o partido no interior com muito esforço. Os deputados e ex-deputados, pessoas que há muitos anos fazem a história do PSDB, que garantiram a credibilidade do partido em todo o Estado e ajudaram a construir lideranças municipais, apoiaram candidatos a prefeito, a vereador, isso foi ampliando a nossa posição. Acho que os presidentes do partido que me antecederam também. É toda uma história, a gente já teve uma governadora do Estado também (Yeda Crusius), a gente tem uma história longa de lideranças importantes que construíram o partido.

JC - Muitos prefeitos e deputados estão avaliando sair do PSDB. A senhora está fazendo algum movimento para manter quadros?

Paula - Nós estamos, neste momento, ainda sob o impacto da saída do governador, e claro que isso é um momento em que cada um faz a sua avaliação e acho que tem que passar esse momento para a gente depois refletir com serenidade. Mas vamos sim fazer encontros do partido para manter (quadros), a gente estava fazendo encontros regionais, e depois pretendemos fazer um grande encontro em Porto Alegre. Obviamente a ideia do partido é manter todas as lideranças possíveis. É compreensível que muitos pensem em seguir o governador, na verdade isso é humano e compreensível, porque justamente estávamos lado a lado e seguimos lado a lado em um projeto do Estado. E o governador é carismático e representa muito o que nós pensamos, ele não mudou

de ideias. Então a gente compreende que haja esse pensamento e respeitamos isso também. Absolutamente não há nenhuma ruptura nossa com o governador. O que há é que agora estamos em partidos diferentes, mas com todo o respeito e carinho que sempre tivemos. É a minha obrigação como presidente de tentar manter a integridade do partido, para que ele possa crescer agora justamente com esse movimento de fusão, é um momento de busca de fortalecimento, então a gente vai trabalhar nessa área, mas entendendo e respeitando as posições.

JC - A senhora avalia a possibilidade de sair do partido?

Paula - Em princípio, a minha decisão é de permanecer no partido, claro que avaliações serão feitas, porque a gente vai precisar reconstruir agora. O partido muda bastante no Estado, a gente vai ter que construir caminhos e vou me dedicar a isso com outras lideranças que têm essa mesma disposição, e as avaliações vão ser feitas ao longo desse caminho. Mas é importante dizer que eu conversei com o presidente Marconi Perillo assim que houve o anúncio do governador, dizendo da minha disposição, da responsabilidade que eu via em relação ao partido, e recebi dele um voto de confiança. Inclusive disse a ele, pela minha relação próxima ao governador, que todos sabem e eu jamais vou disfarçar isso, eu o deixei muito à vontade caso o partido achasse mais conveniente que eu abrisse o espaço para uma outra pessoa comandar o partido aqui. Mas disse que a minha disposição seria de me manter à frente do partido, porque me sinto realmente responsável, por ter sido eleita presidente, e ele me deu o seu voto de confiança, disse que conta comigo para isso, então isso me deixou tranquila e segura de estar fazendo a coisa certa, e vou trabalhar para honrar essa confiança. Não só dos meus pares, mas também do presidente nacional.

JC - Pretende se candidatar a algum cargo em 2026?

Paula - Sobre a candidatura, eu tenho dito que a política tem prazo de validade, tem prescrição, e quem determina isso é a população. A minha disposição, em princípio, seria de me candidatar sim no ano que vem, e estou avaliando a qual cargo, as coisas estão mudando muito, a política é muito dinâmica. Eu acredito muito na política como uma ferramenta poderosa de transformação das realidades, acho que posso contribuir nesse sentido, tenho uma disposição prévia de concorrer.